

EUCLIDES NETO
RETRATO
DE GENERAL



e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

A COLEÇÃO PEQUENAS OBRAS PRIMAS foi concebida para selecionar textos brasileiros e estrangeiros da mais alta qualidade; capazes de despertar e prender a atenção dos leitores que apreciam a simplicidade de uma história bem contada e sobretudo bem escrita.

Como são escolhidas narrativas curtas, em poucas páginas e breves minutos o leitor sairá desse mundo fantástico com a certeza de ter desfrutado de um dos momentos essenciais da literatura, através de um livro pequeno no tamanho mas de excepcional grandeza na qualidade.

Como se vê, o objetivo aqui visado é contribuir para o prazer do hábito de leitura, num momento de expansão dos meios de comunicação multivisuais.

Euclides Neto

RETRATO
DE
GENERAL

(Conto)

Seleção, organização e notas
de Cid Seixas

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Coleção
Pequenas Obras Primas

CONSELHO EDITORIAL:
Alana El Fahl (UEFS)
Cid Seixas (UFBA | UEFS)
Denise Teixeira (LITERA)
Gildecil de Oliveira Leite (UNEB)
Itana Nogueira Nunes (UNEB)

Copyright 2018 Euclides Neto
Tipologia Original Garamond, 15
Formato 12 x 20 cm.
Número de Páginas: 26

Endereços deste e-book:
www.e-book.uefs.br/euclides_netto
www.linguagens.ufba.br
<http://literaturanabahia.blogspot.com>
<http://issuu.com/e-book.br/docs/6euclides>

SUMÁRIO

Livros de Euclides Neto,
página 6

Retrato de General,
página 7

Obras Primas,
página 21

LIVROS DE EUCLIDES NETO

LIVROS IMPRESSOS

- 1 Berimbau (1946)
- 2 Vida Morta (1947)
- 3 Os Magros (1961)
- 4 O Patrão (1978)
- 5 Comercinho do Poço Fundo (1979)
- 6 Os Genros (1981)
- 7 64: Um Prefeito, a Revolução
e os Jumentos (1983)
- 8 Machombongo (1986)
- 9 O Menino Traquino (1994)
- 10 A Enxada (1996)
- 11 Dicionareco das Roças de Cacau
e Arredores (1997)
- 12 Trilhas da Reforma Agrária (1999)
- 13 O Tempo é Chegado (2001)

E-BOOKS

- 14 A última Caçada (2017)
- 15 O Advogado e o Burro Ladrão (2017)
- 16 Cinco Histórias da Roça (2017)
- 17 O bocado não é para quem faz (2017)
- 18 História de Caçador (2018)
- 19 Retrato de General (2018)

RETRATO DE GENERAL

Saiu da cidade de Beira Rio ainda rapaz moderno. Sonhava com horizontes de astronauta. O destino lhe reservava um futuro que ali não realizaria.

Partiu, deixando as lágrimas dos parentes, da pobre mãe viúva, que não suportaria a separação, sobretudo sabendo que o filho abraçaria a vocação das armas, sujeito aos riscos dos campos de batalha. Ninguém segurou o afoito Hermógenes – afoito e deter-

minado. Mas era o destino, o chamado imperioso da Pátria, mais forte que qualquer outro sentimento.

Quando chegou a São Paulo, alistou-se. Tinha porte suficiente e até desenvoltura para cumprir a nobilitante tarefa.

Passaram-se anos. Cartas vasqueiras para a família, que só faziam arroxear as saudades e o desejo de revê-lo, contando o sucesso nas trincheiras, com vitórias sempre minuciosamente descritas. Se mais não escrevia, justificava-se: era devido à constante remoção para frentes de operações, cada vez mais distantes e perigosas. A velha mãe orgulhosa do filho, que se celebrizava. Graças a Deus viveu ela o suficiente para vê-lo retornar coberto de glórias.

A prova do sucesso ali, no retrato que trouxera, mostrado na moldura doirada e oval, medindo, sem exage-

ro, quatro palmos de comprimento e três de largura. O troféu tomou imediatamente lugar de destaque na sala de visitas, bem no centro, entre os avós enterrados lá fora, numa fazenda chamada Jenipapo. Até uma bela imagem do Senhor do Bonfim foi deslocada do seu aposento para agasalhar o ora vizinho de parede, em toda a sua pompa, honrando o espaço.

A cidade, que deixara acanhada, duas ou três ruas compridas, beirando ou paralelas ao rio de Contas, crescerá: novos bairros, casas comerciais e bancos, clubes, antes inexistentes. Também ele mudará: encorpou, mais corado, nariz forte de boxeador. Como relíquia dos campos de batalha, uma cicatriz na sobrancelha esquerda e outra, bem mais funda, na queixada. Orgulho de um militar que arriscara a própria vida em defesa da pátria estremeçada.

O retrato não era uma fotografia comum. Vestia-se com farda de gala, botões rebrilhantes que se encarreiravam do gogó às partes baixas do pente. Olhar de Napoleão montado à frente das tropas vitoriosas. Os alamares combinavam com os botões. Na gola, os ramalhetes também de ouro. Caindo dos ombros para os braços, os trancelins vermelhos. Não levava quepe. Mostrava um cabelo repartido e engomado. E o bigodinho em linha.

Como todo guerreiro que volta à casa materna, desfiava as lutas, o matraquear das metralhadoras, os atos de bravura. Tudo confirmado pelas medalhas que se dependuravam do peito – de todos os tamanhos e cores.

Retrato de general. Só podia ser.

Quem visitava a família, era logo conduzido à sala e ouvia os relatos dos feitos consagradores. Como quem

conta um caso aumenta um tanto, a fama de Hermógenes foi crescendo, disparou nos lábios de quem os recontava. Houve homenagens, almoços, discursos inflamados no Rotary, glorificando o filho da terra, orgulho da sua história. Um vereador entusiasmado sapecou o projeto do seu nome em logradouro público, que começou em beco General Hermógenes, e passou a praça de muito destaque na cidade. Escolas também foram batizadas. Se aparecia autoridade de fora, ou aconteciam reuniões de mesas floridas, o ilustre homem era o primeiro a ser chamado para compô-las. E não era esse negócio de ser incluído no bolo de autoridades representadas, civis, militares e eclesiásticas. Nunca. O nome era citado com a cadência e sonoridade da sua magnitude, com adjetivos coloridos. Houve até quem o convidasse à mesa com um honro-

so: Magnífico Hermógenes Caldas Valverde. Esse negócio de general ficara pouco.

Nessas ocasiões trovejavam as palmas, quase sempre de pé. Garboso, lá se ia a figura tomar assento à mesa, ao lado do presidente, quando não o substituía, em subida honra.

Conquanto a cidade tenha crescido, entrava agora na dura dificuldade do sol, das doenças do cacauero, dos fazendeiros nas teias dos débitos. O graduado militar aumentava mais o seu prestígio pela decadência reinante.

Terra dos genros, dos ricos e afamados casamentos, automóveis de luxo, dos aviões para visitar as propriedades agrícolas (nem se chamavam mais fazendas), tudo parecia um tempo vencido, como sempre acontece na decadência das nobrezas.

Com a chegada da quase miséria, os genros foram largando as filhas dos

cacauicultores (nome também inventado, para indicar os nababos). Restaram os netos dos desenlaces. Muitas mulheres, retomando do Rio de Janeiro ou de Salvador, sobravam, atrás de novo casamento ou mesmo de aventuras amorosas, já que a carne gania. Decaídas, nem tanto. Invés de contas bancárias rechonchudas passaram a mingua dos reais conseguidos com a venda de joias, mobília e o que mais pudessem passar adiante. Como não mais podiam comprar roupa, mesmo as singelas, era comum vê-las de paetês e sedas finas, nas reuniões da cooperativa dos cacauicultores, também falida, usando os vestidos de grife, usados nos salões da Corte. Algumas até sofriam a humilhação de trabalhar para sobreviver. Os maridos, rapagões de cabeleira pintando a idade, desapareceram, sem nenhuma condição de dar mesada à mulher e filhos.

Se eles viveram até ali dos cheques do sogro, como poderiam tê-los agora quando as estufas e barcaças estavam vazias? Queriam se ver livres do fardo incômodo das esposas já envelhecidas e, sobretudo, pobres.

Sobrava, portanto, mulher largada. Algumas ainda aproveitáveis, mas machucadas pelos desregramentos da cidade grande. Como viver como se viúvas fossem, algumas até honestamente, mas ainda apaixonadas, saudosas, minando as lágrimas? Outras, logo tiravam o luto e caíam na gandaia, conseguindo horas extras no colchão dos rufiões.

No entanto, o que nos interessa é o brioso Hermógenes. Voltara com os cinquenta anos, cabelos já alvações. Seu nariz de lutador de boxe e a competente barriguinha de militar descansado atraíam a cobiça das mulheres dos genros.

Até que se aproximara de uma delas. Queria construir um lar. Em São Paulo, justiça se lhe faça, não era muito de procurar as sirigaitas, conquanto algumas tenham passado pelas suas aventuras na cama.

Agora, não. Seu nome famoso cobrava casa, esposa e filhos. Daí as mulheres largadas, pencas delas, apaixonadas pelos seus galões. Uma mais poética tentou conquistá-lo lembrando que a natureza enfeitava os pavões, galos e aves machos, para atrair as fêmeas. Estava deslumbrada com o militar coberto de glórias e medalhas. Chegou a se instalar uma discreta guerra fria entre o mulhério, cada uma disputando mais o oficial. E ele, sobranceiro, altivo, não se deixava levar pelas dodivanas passadas pelo cabo da mula ruça. Recusava-as com desdém, ainda que delicadamente, como mandava a boa educação. Despeitadas, che-

garam a levantar suspeitas pela integridade masculina do cobiçado varão. Vingança besta, já se vê, de mulher rejeitada.

Assim não aconteceu com Julieta. Assim, não, minto. Julieta não era mulher largada. Fazia parte de uma ninhada de irmãs, ela já na beira dos trinta anos, de beleza indefinida como essas de pintura moderna, que a gente não sabe se é o belo ou borrão de tinta. Simpática e prendada, moça de bastidor e agulha de crochê na mão a completar o orçamento doméstico com seus rococós. Longe de ser janeleira. Tímida, não correspondeu às insistências de Hermógenes – era gente importante demais para o seu bico de costureira. Mas um dia – tudo tem um dia – passou pelo passeio da casa dele e olhou para dentro da sala, cujas janelas se escancaravam para a rua. Lá estava o retrato. Irresistível. Foi a per-

dedeira. Aliás, mulher alguma resistiria à farda resplandecente. Era tarde. Ele se lamuriava, queixando-se que o interesse acontecia pelo seu posto, que as levava a desejá-lo tanto. Não existia amor.

Com Julieta foi diferente. Incendiou o que se chamava paixão no tempo que existia tal bobagem. Daí veio o casamento. Festão. Filhos.

Não se sabe bem por que, o tempo apagou o fogo do amor. Dizia-se que as largadas pelos genros caíam em cima dele com tal fúria que o nobre militar não tinha como resistir. Mais uma abandonada. Julieta, injuriada, foi morar longe, nos confins do Pará, chamada por um tio. Fugia do ingrato que lhe dera, não a felicidade, mas a desdita de vê-lo atrás dos rabos de saia.

Pena que não se possa narrar os detalhes dessa longa epopeia, que en-

cheria um gordo romance de fôlego, lágrimas e aventuras.

Por lá, Julieta, ainda carnuda e suculenta, conheceu um fazendeiro solitário, com quem se casou na tinta e papel, ajudada pelo divórcio que deixara para trás. Não tivera mais filhos. Os de Hermógenes cresciam, foram à escola, frequentaram a Universidade em Belém e se formaram, adotados pelo padrasto.

Um dos rapazes, médico psiquiatra, sofria da síndrome de quem não conhecia o pai e o procurava. Ainda menino, perguntava insistentemente onde ele estava. Com o tempo, engoliu a desilusão de encontrá-lo. Nem uma fotografia, um objeto que o lembrasse. Julieta não guardara nada. Cortara a decepção pela cepa. Honestamente dizia, sem maiores explicações, que não valia a pena conhecer o

pai, já que agora, sim, agora tinha quem verdadeiramente cuidava deles.

Mesmo assim, o psiquiatra escrevia para Beira Rio, procurando desvendar seu mistério maior e pedia uma lembrança, qualquer coisa que lhe desse a presença material do progenitor.

O tio mandou-lhe o retrato de general, em toda a sua pompa. Nada mais significativo. Infelizmente demorou de chegar. Quando o psiquiatra o recebeu, tinha descoberto nas suas buscas ansiosas, já fazendo mal juízo da própria mãe, toda a verdade sobre Hermógenes. A moldura comprovava tudo. Nos arquivos da Polícia Montada de São Paulo constava o nome de um soldado, de nome Hermógenes Pereira Gonzaga, natural de Beira Rio, expulso da corporação por desvio de conduta. E as medalhas no peito? Bem, todos sabem

que existem nos estúdios dos retratistas, desde o cavalinho de madeira para os meninos tirarem retratos vestidos de caubói, até fardas com medalhas para os vaidosos que pretendam ser promovidos, com os galões e insígnias ao gosto do freguês.

Triste sina de um garboso retrato de general: virou labaredas.

OBRAS PRIMAS

Cid Seixas

A Coleção **PEQUENAS OBRAS PRIMAS** foi concebida para publicar em *e-books* – que mais se assemelham, pela reduzida dimensão, a simples folhetos – textos brasileiros e estrangeiros da mais alta qualidade. Obras capazes, portanto, de despertar e prender a atenção dos leitores que apreciam a simplicidade de uma história bem contada e, sobretudo, bem escrita.

A arte da leitura, hoje em evidente declínio, por reservar ao leitor o pa-

pel de sujeito consciente e senhor de destinos, é o ponto de chegada.

Veja-se que, diferentemente do mero expectador da televisão, o leitor do bom texto literário é quem constrói os significados. A aparência dos personagens, seus trajés e trejeitos não são vistos por entre as palavras. Os cenários onde as coisas acontecem são também construídos na mente de quem lê um livro. Desse modo, o leitor se distancia do expectador e se torna um artista, um criador, que reinventa o que foi escrito.

Como são escolhidas narrativas curtas para esta Coleção, em poucas páginas e em breves minutos o leitor sairá deste mundo fantástico com a certeza de ter desfrutado de um dos momentos essenciais da literatura, através de um livro pequeno no tamanho mas de excepcional grandeza na qualidade.

O objetivo aqui visado é contribuir para o prazer do hábito de leitura, num momento de expansão dos meios de comunicação multivisuais.

Endereços deste e-book:

www.e-book.uefs.br/euclides_netto

www.linguagens.ufba.br

<http://literaturanabaha.blogspot.com>

<http://issuu.com/e-book.br/docs/6euclides>

A arte da leitura, hoje em evidente declínio, por reservar ao leitor o papel de sujeito consciente e senhor de destinos, é o ponto de chegada.

Veja-se que, diferentemente do mero espectador da televisão, o leitor do bom texto literário é quem constrói os significados. A aparência dos personagens, seus trajes e trejeitos não são vistos por entre as palavras. Os cenários onde as coisas acontecem são também construídos na mente de quem lê um livro.

Desse modo, o leitor se distancia do espectador e se torna um artista, um criador, que reinventa o que foi escrito.

RETRATO DE GENERAL

E as medalhas no peito? Bem, todos sabem que existem nos estúdios dos retratistas, desde o cavaleiro de madeira para os meninos tirarem retratos vestidos de caubói, até fardas com medalhas para os vaidosos que pretendam ser promovidos, com os galões e insígnias ao gosto do freguês.

Euclides Neto

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL